

MATTOS, Fabrício Santos de. Fronteiras do Ser: intersubjetividades, mediações e recursividade da cultura. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 8, n. 22, pp. 220 a 230, abril de 2009. ISSN 1676-8965
RESENHA

Fronteiras do Ser Intersubjetividades, mediações e recursividade da cultura

BARBALHO, Alexandre (organização). *Brasil, Brasil: identidades, cultura e mídia*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

Obviamente, as identidades culturais se tornaram temática cada vez mais central no debate contemporâneo nas Ciências Sociais. Mas no que pode se ancorar – para usar um termo também corrente no debate – tal obviedade? Muitos filósofos afirmam mesmo que na problematização e no deslocamento do assim chamado sujeito epistêmico (ou sujeito universal) para uma condição epistemológica de complexidade, descentramento, fragmentação e fluidez. Tal processo é compreendido para além da lógica aristotélica da contradição, e é comumente abordado a partir de interligações de sentido compostas pelas identificações. Assim, as identificações

podem ser percebidas como demandas ontológicas que se situam na imanência do ser, que vinculam intencionalidade e que são permeadas por correlações de força, compreendidas como energias desprendidas pelos tecidos e movimentos sociais. Destacam-se, contemporaneamente, os cada vez mais evidentes entrelaçamentos entre o Estado (e suas instituições), a comunicação midiática e a cultura. É aqui que encontramos o novo livro organizado por Alexandre Barbalho, *Brasil, Brasis: identidade, cultura e mídia* (Ed. Demócrito Rocha, 2008).

Definitivamente, as identidades culturais são controversas. São debates tensos e, muitas vezes, apaixonados. Paixões alegres e tristes. O livro demonstra bem estas características do tema, tanto em sua estrutura, quanto nos autores e lugares – geográficos, políticos, ou imaginários – sobre os quais dissertam.

Brasil, Brasis é dividido em duas partes: *As (im)possibilidades da identidade* e *Expressões culturais e midiáticas do Brasil contemporâneo*. A primeira traz uma abordagem filosófica e conceitual sobre o tema, composta por dois ensaios: *Crítica da noção de identidade cultural (ou étnica, nacional etc.)* de Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes e *A pós-modernidade e a superação da estrutura formal da questão sobre a identidade* de Fábio Fonseca de Castro.

No ensaio de abertura do livro, Eduardo Diatahy revisa e amplia os argumentos de um texto anterior de mesmo nome, na composição de sua “epistemologia da desconfiança”, que visa compreender as visões de mundo e de “modismos acadêmicos” em torno da questão das identidades, buscando uma crítica, que, seguindo o pensamento alemão, pode ser compreendida como trabalho de conceito. Neste trabalho, o conceito de identidade cultural é revisitado desde seus representantes na filosofia ocidental (moderna ou não) até chegar aos mais recentes estudiosos dos processos culturais. Entre seus argumentos centrais, Diatahy afirma que “cientistas sociais, ao erigirem a idéia de identidade como tema nuclear de seu discurso e de seu esforço teórico passaram, em consequência, a reler ou reinterpretar todo o pensamento ocidental, toda a sua antropologia filosófica, à luz dessa noção de origem autoritária”.

No segundo ensaio da primeira parte, *A pós-modernidade e a superação da estrutura formal da identidade*, Fábio Castro discorre sobre como a pós-modernidade é devedora do pensamento filosófico de Martin Heidegger. Partindo de uma compreensão heideggeriana do Ser, o autor interpreta que o ser que está no mundo, se indaga das possibilidades de existência nessa imanência (ôntica e ontológica), e, com

isso, distingue-se como ser humano. Ao refletir, discorre sobre a identidade, tornando-a um fenômeno universal, característico da humanidade em geral. A afirma o autor que a pós-modernidade – através de seus operadores e princípios – atua também a favor da destruição da noção de sujeito, ou mais propriamente, pela construção da subjetividade sem sujeito, uma intersubjetividade. “Já não há mais sentido no *cogito* cartesiano, ou seja, na certeza do Eu, diante da experiência vivida. Esta é a experiência de estar no mundo simplesmente, imanentemente. Sem a *aporía* de uma transcendência prometida. A pós-modernidade destotaliza a identidade. Ela desrealiza a integralidade do sujeito. Ela descoincidentaliza o homem e sua narrativa. Ela inverte o modelo piramidal do Eu e, ao fazê-lo, desconstrói não apenas a ontologia metafísica, mas a estrutura formal de toda questão sobre a identidade.”

A segunda parte de *Brasil, Brasis (Expressões culturais e midiáticas do Brasil contemporâneo)* é composta por oito artigos de dez autores: Keila Negrão; Alexandre Barbalho; Ângela Prysthon; Luiz Nova e Paulo Miguez; Maria Luiza Martins de Mendonça; Muniz Sodré e Raquel Paiva; Maria Cândida Ferreira de Almeida; e Nilda Jacks.

No primeiro artigo da segunda parte do livro, *Quem fala de cinema na Amazônia oriental: notas sobre a crítica cultural de cinema no Pará*, Keila Negrão discorre sobre como, historicamente, a crítica de cinema no Pará constrói sentimentos de pertença e necessidade de dizer desse lugar. A autora demonstra que, através da análise de cinema, constituem-se também experiências, vivências e olhares sobre a Amazônia (como “região”), sobre o Pará e, mais especificamente sobre sua capital, Belém, perpassada e (re)criada pelas críticas de cinema nos jornais e pelos movimentos históricos de mutação desses lugares de observação e intervenção. Nas palavras da autora: “Não se trata do novo sem história, mas das novas possibilidades de produção técnica e do discurso sobre a cidade e sobre o Pará”.

O texto de Alexandre Barbalho, *Iracemas do Ceará: identidade, política cultural e o romance de Alencar*, articula as noções de Estado-nação e de nacional-popular, buscando um conceito de estadual-popular que dê conta dos movimentos de construção da parte no todo e do todo na parte, caracterizando historicamente duas apropriações – em 1977 e em 2005 – da obra de José de Alencar. O autor criticamente demonstra como a obra, considerada canônica, é utilizada como

recurso para a conformação de uma identidade cearense pelas políticas culturais. “Podemos observar os usos de Iracema, ao longo deste quase um século e meio, como importantes estratégias de construção da identidade nacional e local (cearensidade) e modos de interpretação discursiva agindo em nome do povo e do poder constituído. Mas, apesar de toda a força da narrativa pedagógica de cunho identitário, baseada em origem histórica pré-estabelecida, ela não consegue, de fato, cimentar as diferenças”.

Ângela Prysthon discorre sobre os problemas do conceito de cosmopolitismo e suas apropriações na teoria contemporânea, assim como propõe um deslocamento e uma complexificação desse conceito, ao analisar o movimento *Manguebeat*. Em *Manguetown: música pop e transformações urbanas no Recife dos anos 90* a autora também demonstra como formas periféricas de intervenção cultural podem gerar e desenvolver cânones, além de buscar a compreensão do papel do sujeito cosmopolita periférico nessas conformações discursivas identitário-midiáticas. Segundo ela “As negociações culturais levadas a cabo pelo *Manguebeat* ao longo desses dez anos partem de uma consciência cosmopolita menos deslumbrada. Os modelos exógenos não estão totalmente de fora, mas a maior

espontaneidade com que se dá a inclusão do elemento local e a forma como o Recife é representado, apontam para instâncias mais ambíguas e complexas de agenciamento cultural”.

Paulo Miguez e Luiz Nova abordam as ancoragens do mito baiano (a baianidade) e também a relação deste com Salvador, em suas místicas de “cidade feliz” e representativa da Bahia como um todo, num processo de substituição do todo pela parte. Ao buscar as ancoragens do mito baiano, em *O mito baiano: viço, vigor e vícios* os autores também exploram os agenciamentos do mito por parte das políticas de cultura e turismo, assim como a função estratégica do carnaval e suas vinculações midiáticas, atuantes na revisão e reformulação do mito da baianidade. “A existência desde grande palco, mercado e mercadoria em que se transformou o reinado de Momo, fornece o combustível potencializador da mística contemporânea da baianidade, combinando identidade e prática econômico-lucrativa, como exige o domínio liberal da economia e da cultura, como impõe os imperativos de uma baianidade urbano-industrial exigidas pelo processo de industrialização e pela economia do turismo”.

A identidade goiana contemporânea, objeto de estudo de Maria Luiza Martins de

Mendonça, tem reorganizado a imagem do caipira pelos eventos e discursos midiaticizados, que articulam a cultura pop hegemônica do *cowboy* às suas apropriações localizadas. Em *Identidade goiana: do tradicional rural ao caipira-pop*, a autora propõe problematizar essas (re)significações identitárias analisando as esferas de consumo cultural, pautadas por hibridações de práticas culturais permeadas pelas dinâmicas midiáticas, mas mantendo a distinção de classe. “Mesmo que o consumo cultural possa insinuar a existência de uma maneira particular de estar-no-mundo reconhecida e adotada pelos diferentes segmentos sociais, cada qual o vivencia segundo suas posses, seu capital e seu capital cultural. O leque de possibilidades e de opções para as camadas superiores é bem mais amplo que para os demais”.

A megalópole carioca, texto e tema de trabalho de Muniz Sodré e Raquel Paiva, é o exemplo de práticas autoritárias de “higienização” do espaço urbano pelas classes dominantes através das reformas da cidade. Os autores, focando o olhar sobre a história do Rio de Janeiro, recorrem ao conceito de midiaticização – como instância de sociabilidade e processo de articulação entre diferentes instituições – para demonstrar o uso e a imagem mercadológicos e culturais da cidade. “A

megalópole tenta disfarçar a sua violência institucional com as máscaras de uma cultura – típica da antiga metrópole, reciclada pela televisão e pelo *show business* – que ainda responderia pela existência de uma entidade chamada ‘espírito carioca’”.

O olhar de Maria Cândida Ferreira de Almeida sobre a identidade mineira expõe os direcionamentos de sentido constituídos pela dor da origem, como ancoragem primeira, pelo cosmopolitismo e pela reapropriação dos sentidos poéticos e anedóticos vinculados a essa identidade. Ao analisar discursivamente obras de artistas mineiros (literatura, música e artes plásticas, contemporâneas ou não) em *Mineiridades Contemporâneas: entre o poético e o anedótico* a autora remonta às representações positivas e negativas, construindo relações dialógicas que possibilitem a compreensão do movimento constante de negação, afirmação e recriação da mineiridade. “Enfim, o riso, parte antagônica e complementar da dor, colabora para produzir os paradoxos da mineiridade, como tratamos aqui: dor/riso, local/universal, religioso/crítico”.

Nilda Jacks, em seu artigo *Cultura Gaúcha e a construção da identidade regional*, discorre sobre os trajetos históricos de conformação de movimentos culturais que, com base na sociedade civil, desde o século XIX busca

revigorar a força da identidade gaúcha. Ao abordar os movimentos mais recentes, o tradicionalismo (que ganha força desde os anos 50) e o nativismo (desde os anos 70), a autora demonstra que sua intensidade e propagação também são devedoras da participação dos meios de comunicação de massa, tanto na cobertura de eventos, quanto na abertura de espaços radialístico, jornalístico e televisivo para temas ligados ao regionalismo. Notadamente, através do rádio e paulatinamente, ganhando espaço nos outros meios (impresso e televisão), o movimento foi se conformando e se fortalecendo a ponto de constituir público próprio e atrair a atenção da indústria cultural, mesmo que tardiamente. Nas palavras da autora “Analisando a participação dos veículos de comunicação na cobertura dos eventos nativistas ou na abertura de espaço em sua programação para este tipo de manifestação, verifica-se que à exceção do rádio, a indústria cultural, como um todo, foi retardatária no acompanhamento desse processo, entretanto, chegou para consolidá-lo”.

É interessante ressaltar que o livro não se estrutura por nenhum consenso necessário entre os autores, a não ser a contraposição da noção de identidade como princípio de coerência social não conflituosa. São trabalhos

densos, compondo, com as linhas mestras que ligam os três temas do subtítulo, diálogos e dissensos sobre o mesmo tema.

Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul. *Brasil, Brasis* pode ser um livro lido de qualquer lugar. Representante do que há de melhor na produção contemporânea dos estudos sobre os processos culturais no Brasil, o livro também pode ser descrito como um exercício de descentramento dos olhares sobre os seus temas mais amplos: a cultura, a política e a mídia, suas fronteiras e suas transgressões. Nem obviamente, nem definitivamente, e nem, apenas, transitoriamente.

Fabrizio Santos de Mattos

